



EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

R.S.C.

W.

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

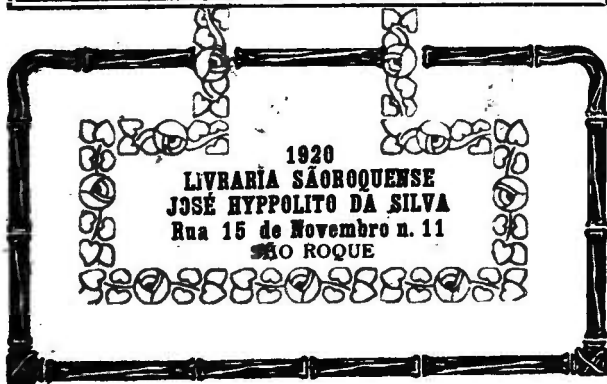
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

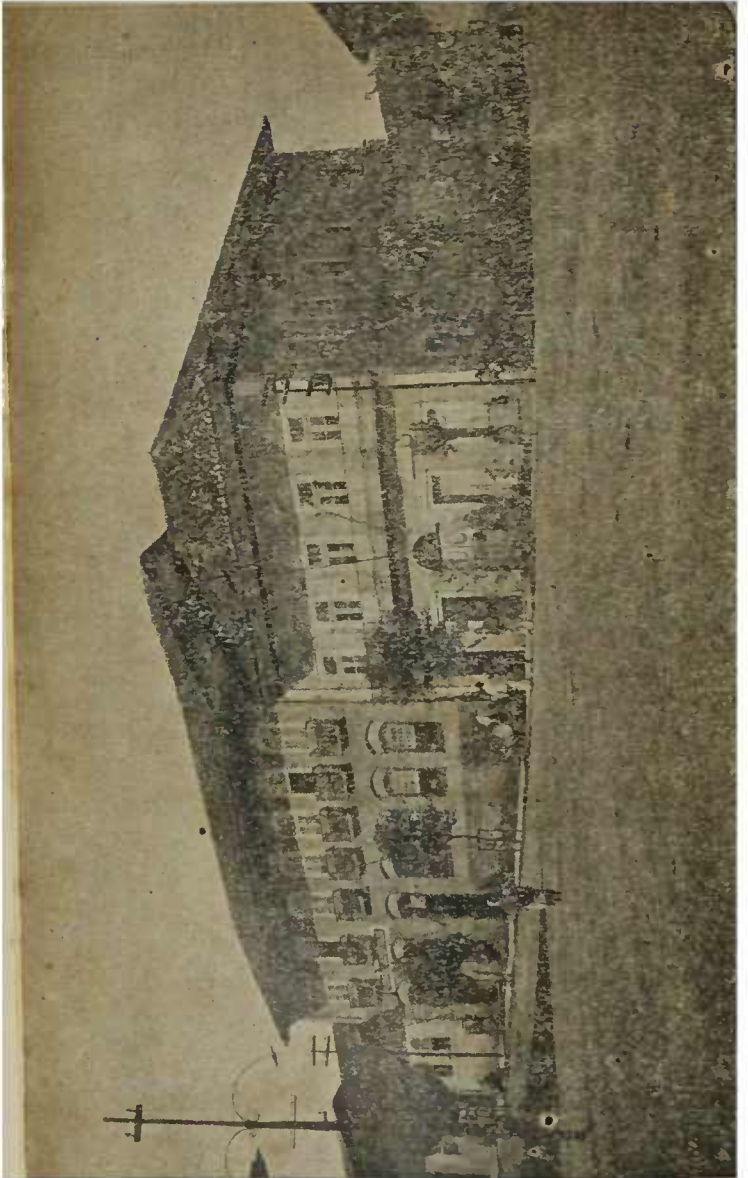








**PREÇO 600 RÉIS**





# **A FEITICEIRA**

## **NOVELLA SÃOOROQUENSE**

— POR —

**ANTONIO JOAQUIM DA ROSA**  
(Barão de Piratininga)



1919

Typ. da Livraria Sãooroquense  
José Hyppolito da Silva  
S. ROQUE.





## CAPITULO I



O anno de 1820, existia, nos arredores da cidade de S. Roque, uma mulher já edosa, de nome Escolastica Mendes, conhecida pela alcunha de Corá Mendes.

Solitaria e mysteriosa era a vida desta mulher, que habitava um casebre de miseravel perspectiva e que tinha a reputação de ser uma grande feiticeira, pelo que era temida por uns, e, por outros procurada.

Alta noite, vultos embuçados e disfarçados em rigoroso incognito, penetravam na mysteriosa espelunca, para consultar a grande alchimista, cuja mão poderosa operava prodigios estupendos, prescrevia leis ao destino e fazia curvar vontades de ferro ao mais leve aceno do seu irresistivel poder.

Era um amante infeliz que ia pedir um filtro magico, para abrandar os rigores da sua amada e fazel-a accessivel ao seu amor.

Era uma bella que se apresentava em melancolico desalinho, por ter sido abandonada pelo joven que amava e que vinha pedir o liquido miraculoso que o fizesse voltar aos bellos dias de felicidade e de amor.

Era o malvado, cujo coração sedento de vingança, vinha implorar um especifico de morte ou de soffrimento mais ou menos intenso, contra aquelle a quem tributava a mais vil das paixões — e odio.

---


Seja como for, a crença popular se estribava na evidencia dos factos, porque, pouco depois do conjuro da velha, a moça que desdenhava os agrados e desvelos do extremoso amante, prodigalizava-lhe as venturas celestes do amor

O amante transviado voltava aos pés da bella que abandonára para queimar os perfumes de um novo amor; e a vingança do scelerado era saciada, no gráu que prescripto fôra pela velha solitaria.





## CAPITULO II

 A época em que começamos esta narrativa, ouviram-se em uma noite adeantada, tres pancadas cautelosas e timidas, dadas na portinhola da casinha mysteriosa.

— Quem ousa, a estas horas, perturbar o silencio desta casa? perguntaram de dentro.

— Uma desgraçada, que vem supplicar a vossa protecção, respondeu uma voz feminina, que tiritava de susto.

— Uma desgraçada! repetiu a velha, abrindo a porta; entrae e sêde bemvinda!

Depois de fazer sentar a recém-chegada em um banco, perguntoulhe com olhos perscrutadores:

— Que me quereis, minha filha?

— Deixae acalmar um pouco a minha agitação; neste momento apenas posso respirar.

— Tranquillizae-vos e falae quando vos parecer.

A péquena sala, onde se achavam as duas interlocutoras, estava dominada por uma escuridão; apenas interrompida por algumas chammas que, de quando em quando, crepitavam de um fogão meio amortecido, collocado em um canto, e que tingiam as paredes denegridas pela fumaça, de avermelhada côr, como si fossem listões de sangue, mas quando as trevas eram completas, os olhos da feiticeira chammejavam, como duas cratéras de fogo.

Supersticioso terror invadiu os sentidos da moça e ella teve medo.

A velha o presentiu.

— Estaes aqui debaixo do meu tecto e da minha protecção; nada pôde, portanto, acontecer-vos, disse ella com voz insinuante e persuasiva.

A moça tranquillizou-se.

— Minha boa mãe, disse-lhe a moça, depois de breve silencio, sou bem desgraçada!

— Já o sei, minha filha.

— Como? Já sabeis que sou infeliz?

— E o que ha nisso que vos admire? Ainda que vós mesma não m'o tivesses dito, eu já o sabia, porque nada existe sobre a terra, que me seja desconhecido.

— Será possível? interrogou a moça com incredulidade.

— Eu vou prova-lo. Nunca me vistes e nunca nos encontramos?

— Nunca.



## A FEITICEIRA

---

— A ninguém haveis narrado a historia da vossa vida?

-- A ninguém.

— Pois, escutae-me. Nascestes nas margens do Parahybuna, onde recebestes o nome de Anacleta Gonçalves. Aos dezoito annos fugistes com um moço que foi assassinado em Jundiahy, por vossa causa.

A joven estremeceu.

— Dalli viestes para esta terra, onde tomastes o nome de Gabriella da Silva. Pouco depois da vossa chegada, contrahistes relações intimas com certo moço, a quem magnetizastes com os vossos encantos. — O vosso amante, desejoso de oferecer-vos riquezas, iguaes ao seu amor, acompanhou uma expedição commandada pelo alferes João de

---

(1) Monte que se eleva acima do nivel do mar, mil metros, e faz parte da serra *Itatins*, no municipio de Itanhaem. Attribuem a esse morro grandes riquezas mineraes. No cume ha um lago, segundo tradição, onde criam-se enormes jacarés.

Dêus, que foi em demanda da celebre *Botuca-Varú* (1), que é uma montanha encantada, mais rica de diamantes e metaes preciosos do que o mesmo *Potosi*. Infelizmente os expedicionarios não puderam chegar a esse morro encantado, onde dizem que ha lages de ouro que pesam cem arrobas; e depois de largas privações tivéram de voltar para os seus lares.

Durante tão longa ausencia, sem duvida, para vos distrairdes das saudades do amante, não lhe guardastes escrupulosamente a fidelidade, que lhe haviéis promettido; e a sua vinda *suspirada* e inspirada causou-vos sérios receios; mas tivestes bastante a arte de persuadil-o de que era elle o autor de certa doença,

---

Frei Francisco dos Prazeres, em seu glossario de palavras indigenas, escreveu que *Botuca-Varú* significa "Mosca a Cavallo". No seu cume existe uma pedra que muito se assemelha a uma mosca a cavallo, motivo pelo qual recebeu dos florestaes o tal nome.

N. do E.

que vos ia arredondando a delicada cintura.

Desgraçadamente decorreram os nove mezes contados desde a partida do amante, e ainda não tinha vindo á luz o fructo, cuja paternidade lhe attribuieis. Fez elle segunda viagem, na qual se demorou tres mezes, e, voltando, encontrou-vos com um filhinho de dois mezes. Elle teve desconfiança e procurou indagar da verdade, a qual facilmente obteve, porque ainda que outras provas falhassem, bastava olhar para a physionomia do menino, que é a cópia fiel do verdadeiro pai.





### CAPITULO III



**ALOU-SE** a cabalística velha, fitando olhos de lynce no semblante pallido e confuso da pobre moça.

Um raio de luz mais viva projectou do fogo da lareira e illuminou as feições sublimes do rosto da prophetisa.

Sens olhos coruscantes se encontraram com os olhos amortecidos da infeliz rapariga e, com expressão deslumbradora, calaram até a medulla dos ossos de Anacleta Gonçalves.

A esse olhar irresistível, a moça cahia de joelhos, e perguntou com voz desfallecida :

— Quem sois vós, que lêdes no passado, com tanta segurança e com tamanha afouteza perscrutaeis os mais reconditos segredos de uma desconhecida ?

A feiticeira tomou uma attitude grave e magestosa, e respondeu com emphase :

— Eu, sou eu !

— Mas vos nunca me vistes, e agora mesmo este preto véo encobre aos vossos olhos o meu semblante.

— Que importa ? Leio no passado como no futuro. Cercada de um exercito infinito de sêres invisiveis, que com uma palavra cabalistica espalho por todo o mundo e que no primeiro aceno de um conjuro torno a reunir em redor de mim ; do centro desta humilde cabana, onde por gosto habito, mais poderosa que os

reis da terra, incompreensível como o destino, e como elle é meu poder illimitado.

A moça, tremula de susto, balbuciou convulsivamente :

— Então já não vos devem ser occultos os perigos por que acabo de escapar pela bondade do céu ?

— Dizei antes, pelo poder divino da velha inspirada, disse ella com voz medonha.

— Oh perdoae ! Não sabia que vós vós interesseis por uma desgraçada.

— Vélo sobre todos os infelizes, que precisam, como vós, de minha protecção.

— Amparae-me, pois, senhora.

— Qual é o serviço que de mim exigis ?

— Neste momento, o meu amante, a quem tive a leviandade de trahir, como sabeis, entrou em minha casa, cego e furioso, com um punhal na mão, bradando, com voz ameaçadora, como o trovão :

— E' o dia da vingança !

— A minha fiel criada cáe a seus pés, invocando piedade; elle no meio da escuridade, terrivel como o genio do exterminio, illuminado pela sêde de vingança, agarrando-a pelos cabellos, embebeu em seu peito innocente o punhal, que cuidava enterrar no meu. A minha infeliz criada soltou arquejando um brado de agonia, abafado por estas palavras de Astolpho, que soltava um riso estalido e satânico :

— «Morrei! que tambem mais cruelmente apunhalastes o meu peito, pois é mais agradavel a morte de um instante, do que esta morte lenta com que me trateia—a mais negra ingratição—daquella que eu tanto amei, e por quem de boa mente sacrificaria a minha propria vida; daquella que eu immolo á mais justa das vinganças e cuja morte fará o luto eterno da minha alma!.

— Elle se interrompe! Acabrunhada pelo horror panico, que de mim se apoderou, quiz fugir, mas, vacil-

laram-me as pernas e nem um passo pude tentar. «Mas, não!» continuou elle com accento medonho e vibrante, ligando o fio de suas idéas; não, eu não carpirei a morte, que dou a esta infame; e para tornar-lhe ainda mais amargurados os ultimos momentos de agonia, para repassar-lhe o coração com as settas envenenadas, com que ella feriu o meu, primeiro expirará ante seus olhos o fructo do seu crime» — Oh! então, quando eu vi ameaçada a existencia de meu filho... o amor natural resuscitou-me a quasi extincta coragem, e, apertando meu filho estreitamente ao coração, fugi por uma porta que dá para o quintal e vim ter a este asylo das infelizes, aterrada e sentindo a cada passo a ponta desse punhal, que de um golpe atravessava o fragil corpo de meu filho, e que se me embebia no coração gelado pelo sopro da morte.

— Pobre moça! sois bem infeliz! rosnou a velha, aparentemente comovida.



— Mas, vós velais sobre mim, e me protegereis de todos os perigos que pendem sobre a minha cabeça?

— Não sei. O passado está passado, mas o presente está pejado de infortunios, e ainda mais negras vejo as nuvens do porvir.

— Estou confiante de que essa tempestade que rebrama passará por cima da minha cabeça sem offender-me.

— Estaes enganada—disse a velha com voz secca.—Ella virá, e os seus tufões impetuosos vos arrastarão infallivelmente aos abysmos da sepultura.

— Oh! não me abandoneis, por piedade! Preparae um de vossos filtros magicos, que faça abrandar o coração de Astolfo e olvidar o passado para sempre. Tende compaixão do meu desespero!

— Pois bem: compadeço de vós e quero salvar-vos, mas para conseguir esse grande resultado, mistér é um grande sacrificio.

— A tudomesujeito: exija o que quizerdes, sereis obedecida.

— Vêde bem o que promettes, pônderou a feiticeira.

— Não hesito, senhora, em reite-  
rar a minha promessa.

— Jurais?

— Juro.

— Pois bem, tocae na minha mão para rectificardes o juramento.

A moça extendeu sua tremula dextra, que se prendeu entre as descarnadas mãos da velha.

— Estou prompta.

A velha tomou uma postura grave, pronunciou a formula do terrivel juramento, que a moça foi machinalmente repetindo:

— «Juro por todas as potestades invisiveis, pela pedra dos altares, pela hostia sagrada e pelo sangue de Christo. juro tres vezes pela minha alma, de obedecer e fazer tudo quanto me fôr determinado pela Prophetiza da Cabana, que lê nos astros como em um livro aberto, e

cujo poder é illimitado como o destino. Jurro, se necessario fôr, renegar todos os dogmas da fé, e commetter todos os crimes, por mais repugnantes: e se eu quebrar o presente juramento, quer seja por fraqueza, quer por alguma outra cousa, outorgo á Prophetiza da Cabana, o direito de vida e de morte sobre a minha pessoa e sobre todos os meus descendentes, até á quinta geração!»

A velha deixou cabir a sua mão gelada na da moça e proseguiu:

Agora podeis tranquillizar-vos. Amanhã viemos á *Caverna dos Infantes*, que fica em um sitio ermo e solitario; immolaremos o vosso filho aos poderes invisiveis, e purificando-o depois com esse sacrificio, comporemos o filtro especioso, que fará o vosso amante esquecer o passado, como se tivesse bebido toda a agua do Lethes, e amar-vos com esse extremo palpitar do coração, que todos de submergem nas delicias encantadoras do primeiro amor.

—Que me propondes?! balbuçiou Anacleta Gonçalves, horrorizada. Não! para conservar o amor d'elle, para garantir a minha propria existencia, eu não sacrificarei ao vosso deus cruel os dias de meu filho innocente!

—Lembrai-vos do vosso juramento, bradou a prophetiza, furiosa.

—Oh! não, não! Piedade para o meu filho!

—Insensata! vêde o abysmo que se abre ante vós para tragar-vos? Vêde o raio que estoura a vossos pés, e ousas quebrantar sacrilegamente o juramento sagrado, que ha pouco pronunciastes! Pois bem! comquanto eu tenha sobre vos o direito de vida e de morte, não o exercerei, porque o vosso amante me dispensa dessa tarefa.

—Que me dizeis, senhora? interrogou a moça entre angustias.

—Digo-vos que o vosso amante logo suspeitará que aqui estaes, porque a minha cabana é o asylo dos

infelizes, e por isso depressa terá de bater-nos á porta, e eu não só o deixarei entrar, como ainda consentirei que elle exerça a justa de todas as vinganças.

—Oh! tende compaixão de uma infeliz! Vós haveis feito prodigios estupendos com os vossos filtros miraculosos. Invoco todos os sentimentos ternos do vosso coração; salvae meu filho, se o vosso poder é tão irresistivel como o destino.

—O meu poder é illimitado, mas como os mesmos deuses estão sujeitos ao destino, assim, esse mesmo poder está tambem sujeito ás regras fixas e invariaveis que o destino lhe tem prescripto. Toda a magia dos meus filtros perderia a sua efficacia, si Astolfo visse o vosso filho, o filho do crime, depois de haver tomado o filtro magico de minha composição. Mas eu já não insisto, e nem me importo convosco, porque vós e vosso filho sereis em breve dois cadaveres.

—Suspenderei essa sentença horrível!

A prophetiza da Cabana já não a escuta. Seus pensamentos voam pelas regiões ethereas; seus olhos alçados para o céu, batem nos astros por entre as fendas do tecto de palha; deslumbrada pelo fogo sagrado da presciencia, ella exclama: Assim deve ser! cumpre que a sacrilega seja punida no mesmo logar em que jurou. Lá vem Lá vem.. Lá se aproxima o mensageiro da vingança dos deuses. eil-o que vai bater á porta. Uma pancada estri-dente fez estremecer a pequena porta da cabana.

—Piedade! exclamou Auacleta, precipitando-se de joelhos e alçando as mãos convulsas para o céu.

—E' elle! disse a feiticeira com um riso infernal e sem attendel-a.

--Soccorrei-me! e meu filho. : disse a infeliz, desfallecendo de angustias, sem poder concluir a phrase.

—E' tarde, respondeu a profetiza, inexoravelmente.

—Abre! disse de fóra uma vóz medonha como o bramir da tempestade. Abre que hoje é o dia da vingança!

—Elle!. balbuciou a desgraçada.

A profetiza levantou-se e deu um passo para a porta.

Azacleta segurou-a com tódas as suas forças e disse-lhe meia viva e meia morta, apontando para o filho, que dormia:

—Ahi tendes. sacrificae-o aos vossos deuses, mas salvae-me!

—Pois bem, ides ver o poder dos meus sortilegios.

A feiticeira pronunciou entre dentes algumas palavras cabalísticas. No mesmo instante ouviu-se uma voz, que vinha do lado da porta. A feiticeira fez acelo á moça que escutasse.

—Ainda vos perdoarèi, dizia a vóz, ainda vos amarei com todo o fervor, si o testemunho do vosso

filho nunca mais se interpuzer diante dos meus olhos; mas se o vêr ainda uma vez, uma só vez. ai delle, e ai de vós! Dou-vos esta noite.

A voz calou-se.

Ouvin-se a bulha de passos de pessoa que se retirava.

— Vêdes o magico ascendente do men invisivel poder? perguntou a feiticeira, cheia de orgulho, voltando a Anacleta Gonçalves. A moça deu um suspiro e cahiu desfallecida junto do filho. Seguiu-se profundo silencio, apenas quebrado de quando em quando pelo inintelligivel solliloquio da velha, e pelos soluços abafados da moça.

A's 4 horas da madrugada levantou-se a feiticeira, approximando-se do lugar onde jazia a moça quasi cadaver, disse-lhe, com voz rispida:

— São horas; acompanhe-me.

— Para onde? interrogou a moça, estupefacta, como si essa vos a revocasse á existencia.

— Para a *Caverna dos Infantes*.



—Tendes piedade de mim! tendes piedade de meu filho! supplicou a mãe desolada, desatando dos olhos uma torrente de lagrimas e pondo-se de joelhos.

—Lembrae-vos que Astolpho ao retirar-se, disse: «dou-vos esta noite».

—Sim, mas antes que amanheça posso eu fugir com meu filho. oh! salvae-nos; salvae-nos por piedade!...

—Apenas eu retirar de vós a minha protecção, estaes na mão de Astolpho, que bem de perto vos vigia os passos. Não ha, pois, outro meio de salvação; cumpre resignar-vos. Acompanhae-me.

A moça, sem fazer mais objeções, levantou-se e seguiu-a resolutamente.





## CAPITULO IV



prophetiza tomou a estrada de Sorocamirim, e depois, desviando-se della, internou-se pela espessura das mattas. Ao amanhecer, a feiticeira parou subitamente e, apontando com o dedo, disse: Eis aqui a *Caverna dos infantes*.

A moça olhou para esse abysmo profundo e recuou estremecendo como um debil canico, agitado por ventos impetuosos.

— Covarde!... exclamou a feiticeira, arrebatando a criança que a infeliz mãe apertava convulsamente contra o peito, com todas as forças maternas.

A feiticeira, segurando pelas extremidades do corpo do menino e puxando-o violentamente para si, metteu-o de encontro ao joelho esquerdo o espinhaço desse debil corpinho. Seus ossinhõs cederam facilmente a esse choque encontrado e estalaram.

No mesmo instante, a velha pegando no innocentinho por um pé, e fazendo-o tres vezes voltear sobre a sua cabeça, o arrojou afinal ao seio dessa horrivel caverna.

Um vagido fraco e alquebrado rompeu as sinuosidades silenciosas desse abysmo, resoando aos ouvidos da miseranda mãe.

Consummada estava a obra de Satanaz.

A feiticeira esperava um chuveiro de imprecações da parte da mãe.

Não foi assim.

No mesmo instante em que se ouvia esse fraco vagido nas cavidades do abysmo, Anacleta Gonçalves soltou uma gargalhada estronãosa.

A infeliz estava louca.

A feiticeira empregou todos os meios para arredal-a desse lugar, e não podendo conseguil-o, ahí a deixou.

Assim foi punida essa misera, que, impellida pelo terror, arrastada pelo genio infernal dessa hedionda feiticeira, não soubera oppôr energicamente as forças de um coração materno á perpetração de um crime hediondo.

---

## CAPITULO V

Mas que motivo teria essa furia, infernal para matar um misero infante, e quaes os castigos que a Providencia sempre justa terá reservado para punir essa cruenta megera?

A tradição não nos revela que a prophetiza da cabana commettesse este e outros barbaros assassinatos

com a mira em recompensa pecuniaria, pelo que entendemos nós, o instincto de tigre dessa assassina era o unico dos seus maleficios; sua alma requeimada como o carvão do inferno, decerto se comprazia ao contemplar as contracções da morte, que agitavam os frageis corpinhos de suas innocentes victimas. A feiticeira contava 60 annos quando commetteu este infanticidio; era o ultimo, porque soava a hora da vingança de Deus, e a vingança de Deus é tanto mais terrivel, quanto mais retardada ha sido.



## CAPITULO VI

Voltava a feiticeira do theatro do crime, dessa horrorosa caverna dos infantes, embevecida no satanico prazer que lhe banhava o coração de fêra, quando immolava um innocente ao seu diabolico instincto.

Chamnejavam seus olhos como as boccas inflammadas do vesuvio; em seus labios denegridos pairava um sorriso infernal, e o coração protervo lhe palpitava com esse estrondo delirante com que satanaz recebe em seu reino maldito as almas dos infelizes destinados aos eternos supplicios.

De improviso, a feiticeira arrancou do peito um brado formidavel como o som da trombeta final. terrivel como a ira do deus do extermínio; uma cobra de immensa grandeza se enlaçára pela cintura da feiticeira e ambas as mãos lhe lambia. Aterrada com o abraço do monstro arrancou a velhá esse grito immenso e desusado.

Ao dar esse brado, pôz fóra a ponta da lingua, e a serpente, com a destreza e rapidez que lhe são innatas, deu um bóte nessa lingua maldita e desenroscando-se da cintura da feiticeira, bateu com a cauda nos pés da velha e cravou os olhos scin-

tilantes de prazer nos olhos espantados da prophetiza da cabana, com a mesma expressão com que ella fascinára pouco antes a Anacleta Gonçalves. Mais aterrada por este beijo, a velha deu um salto para despiender-se da vibora, e lá foi com o joelho esquerdo sobre uma pedra angular, fracturando-o; fôra o mesmo joelho, que pouco antes havia quebrado o espinhaço de uma infeliz criança! Com o desespero da dôr, a velha, que ainda conservava em bom estado duas ordens de dentes de configuração canina, segurou pelo pescoço da aspide, e introduzindo a cabeça na sua bocca, trincou-a entre os dentes.

Acommettido inesperadamente com tanta violencia, o monstro enroscouse furiosamente no corpo da feiticeira; e ella, luctando por desvencilhar-se, rolou por um desfiladeiro que proximo estava. Com essa queda a velha teve uma syneope que poucos momentos durou. Accordau-

do, viu a seus pés a monstruosa serpente, cujo corpo estava em um motu-contínuo pela acção do veneno; a saia do seu vestido estava em astilhas presa aos espinhos do declive; o seu corpo horrivelmente lacerado pelo forçado trajecto que fizera através dessas escabrosidades; o joelho esquerdo fracturado, e a lingua tão entumecida que não lhe cabia na bocca.

A feiticeira considerando todas estas cousas, teve um calafrio de terror e exclamou:

—Deus! quanto é horrivel a vossa vingança!

E o echo repercutiu horrivelmente:

—Vingança!

E a prophetisa curvou a cabeça, meia desfallecida.

De subito lembrou-se que devia ter no soio uma navalha, que era sua companheira inseparavel. Saccando della, partiu a serpente em duas partes, e applicando uma so-



bre a mordedura, dizendo mentalmente com alegria infernal:

— Venenoso reptil ! Mordeste-me, eu tambem mordi-te; fizeste com que os espinhos me chagassem o corpo, e eu tambem separei o teu em duas partes; embebestes veneno mortifero na minha lingua, e eu faço reverter ao teu corpo ! a tua morte salva a minha vida; e a pena de talião: conforma-te !

Depois de ter revertido o veneno para o corpo trucidado da vibora, arremessou para longe de si com magêstoso desprezo, dizendo:

— Já não preciso de ti !

Então apanhando uma das tiras do vestidos, fez uma ligadura para o joelho quebrado, e tentou sahir do abysmo a que fôra arrojada; mas cada instante a dor do joelho e a fraqueza das mãos faziam com que ella resvalasse de novo, e novamente recebesse em seu corpo maiores contusões.

Nessa lucta horrivel, ora desfallecendo de cançasso e dôr, ora reanimando as forças exhaustas, e tentando novo mas

baldado esforço para sahir d'esse precipicio, vieram as trevas da noite surprehender essa féra impotente, que rugia desesperada no fundo de uma caverna solitaria.

Pavorosas imagens povoam esse sitio medonho, e a velha succumbe horrorisada ao peso de tão afflictivos infortunios.

Essas visões luctuosas, essas creanças que ella tantas vezes sacrificou ao seu furor brutal, agora lhe estendem la de outro abysmo seus bracinhos myrrados, pela morte, e nos seus labios franzinos desponta um riso de desdem

Mais alem, está um montão de ossos d'esses anginhos, em cuja fronte roçaram as azas do genio da morte.

De improviso esse montão toma o vulto de um gigante, que para ella se dirige com passos firmes, rosto sombrio e austéro.

Esse formidavel cyclope se avizinha; os cabellos, da velha eriçam-se de pavor; o sangue regela-se em suas veias: seu coração já não palpita.

Elle chega e a suffoca entre seus braços de ferro .

Depois, arrastando-a pelos cabellos, a precipita em lago de fogo .

A infeliz estava no inferno !



## CAPITULO VII

Um estampido medonho veio accordal-a do delirio .

Um manto negro e tenebroso substituiu o bello azul do firmamento; os ventos desencadeados sopravam rijos; sibillavam as cobras, as aves noturnas piavam espavoridas; o trovão reboava mais temivel que o rugir do leão ferido pela flecha despedida da mão robusta de um Goyaná: o raio estoura de espaço em espaço; e erebos relampagos tallavam os ares com seus listões de fogo:

— Estou no meio do inferno! brandou a desgraçada feiticeira, com a força da desesperação, encarando horrorizada esse aspecto medonho dos elementos em confusão.

Em breve copiosa chuva lhe refrescou o cerebro, e ella, conhecendo que ainda não estava no reino tenebroso, exclamou com alguma esperança:

— A tempestade hade passar.

Mais corriam as horas lentamente, e a tempestade bramia cada vez mais raivosa. E a chuva, aggravando as dores da feiticeira, fazia com que o seu soffrimento fosse de instante a instante mais insuportavel.

E o frio tinha lhe invadido corpo e alma; e vivia ainda, mas era para que a tractasse mais longa e dolorosa agonia.

Ella comprehendeu, que estava preste a ir bater os bronzeados portões da eternidade, e depois de tão duras provas, seu coração petrificado ainda se não tinha aberto ao arrependimento de suas culpas!

Vendo porem, que se demorava a hora do passamento, exclamou com inexprimivel desespero :

— Ai de mim ! padeço neste momento o centuplo das dores, que transpassaram o corpo de Hercules quando trajou a tunica empestada de Nesso! Esse teve ao menos, um amigo fiel para accender a pyra, onde as suas dores achavam termos, e eu . .

A feiticeira dizendo isto, curvou a fronte com indizivel expressão.

Subitamente suas feições se expandiram; lembrou se de sua navalha e procurou-a para suicidar-se, mas não ponde encontral-a, porque Deus a reservava para novas provas: porque uma longa serie de crimes horrosos não podia ser purgada pelo soffrimento, embora cruel de um dia e uma noite; e porque a ira de Deus ainda não estava applicada.

Em tractos infernaes passou a velha o restante da noite, e viu lusir os primeiros raios da seguinte aurora.

## CAPITULO VIII

Semi-morta de fome, frio e dores, a feiticeira não ousou tentar sair desse covil, porque suas forças estavam esgotadas.

Eram 7 horas da manhã, quando escutou uma voz que se aproximava pouco a pouco, até que se pôde ouvir distintamente esses versos, cantados com melodiosos acentos, embebidos de ternura e sentimentos:

Ave perdida nos bosques,  
Em vão procura o seu ninho:  
Eu aqui também perdida,  
Debalde busco o filhinho.

Em quanto a ave tristonha  
Vive saudosa a piar.  
Eu aqui também perdida,  
Hei-de triste suspirar,

Cheios de leite meus seios  
Vão em breve arrebentar,  
"E meu filho, onde está elle?  
Que não vem para mamar!

Meu filhinho era tão bello...  
"Onde está? quem me roubou?  
Quero matar essa féra,  
Que meu filho assassinou!

Estas ultimas notas, cantadas com accento terrivel, calaram no coração da feiticeira, que exclamou involuntariamente :

— Bem o mereci !

Anaclea Gonçalves ouviu essa exclamação partida do intimo do coração, e approximando-se do precipicio, perguntou :

— Quem sois vós ?

— Uma desgraçada .

— Se sois infeliz sejaes, bem vinda; assentae-vos, e dizei-me o que quereis.

— Foi assim que eu lhe falei disse a feiticeira entre dentes .

— Tranquillisae vos, continuou a louca, e falae quando vos aprouver, mas falae sem receios, porque estaes debaixo do meu tecto, eda minha hospitalidade.

— Salvae-me ! Salvae-me ! bradou a velha .

— Pois sim ! o que quereis ?

— Cortae um cipó comprido; segurae em uma ponta, e atira-me outra para eu sabir d'aqui .

A louca obedeceu; cortou o cipó e

atirou uma ponta para o fundo da caverna, e segurou em outra.

A feiticeira apanhou essa ponta, deu uma volta na cintura, e agarrou-se no cipó, fez um acêno á louca para que puxasse. Esta assim o fez, com essa força sobre-natural que distingue os loucos; ja a velha ia vingando a borda do abysmo quando a louca, ao reconhecer-a, largou do cipó, exclamando:

— Assassina de meu filho!

A feiticeira rolou até o fundo do abysmo, recebendo novas feridas, abertas pelas pontas dos espinhos.

Compadecei-vos de uma desgraçada disse a velha gemendo.

— Eu compadecer-me de vós!

— Oh! tirae-me deste abysmo!

— Tambem arrojastes meu filho a outro abysmo.

— Aqui morro de fome.

— Meu filho tambem tem fome.

— Quebrou-se me o joelho e.

Tambem quebraste o meu filho pelas costas.

— Então não me-salvais?



- Não.
- Nesse caso não amais vosso filho.
- Porque?
- Porque vosso filho morrerá de fome, se.
- Meu filho já morreu.
- Sim, já morreu; mas se eu fizer um sortilegio, vosso filho resuscitará.
- Fazei-o.
- Tira-me d'aqui primeiramente.
- Juras?
- Juro-o,
- Pois bem!

A louca tentou o mesmo expediente, e a feiticeira vingou finalmente a borda da caverna.

— Agora; disse esta, carrega-me até a minha cabana, e ahí farei o sortilegio.

A louca levantou-a nos braços e dando alguns passos atirou-a ao chão, dizendo:

— Espera-me aqui; meu filho está chcrando! eu vou amamental-o e quando estiver dormindo, voltarei.

E retirou-se lentamente, cantando as suas quadras melancolicas.

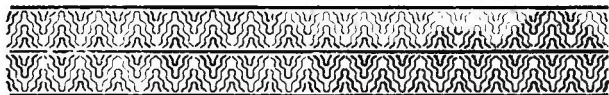
A feiticeira respirou um momento, ao depois, arrastando-se como a serpente, encaminhou-se para a sua cabana.

Durante tão longo, quão doloroso trajecto, foi Deus servido que ninguém a encontrasse para soccorrel-a.

Devia ser um quadro tocante e dantesco, si se reproduzisse com vivas cores essa velha meia núa, arrastando-se por uma estrada, como a vibora maldicta de Deus, e expulsa do paraizo, cobertos os cabellos de terra e soltos ao vento, com o corpo chagado de mil feridas, a lingua inchada e distendida fóra da bocca, o joelho fracturado e morta de fome, soltando, ora um gemido doloroso, ora se maldizendo.

Assim foi que depois de grande sacrificio, chegou já de noite ao seu miserimo covil.

Alli entrando deitou-se em um pobre leito, faltó de todos os mistéres para a vida, estrugiu os ares com lamentosos gemidos.



## CAPITULO IX

**M**ARTIM do Valle accudiu a esse appello tão eloquente para as almas sensiveis.

— Minha boa vizinha necessita de alguma coisa? perguntou elle, approximando-se da enferma.

— Morro de fome, respondeu ella com voz sepulchral.

Martim do Valle correu para sua casa, e trouxe sem demora a sua cêa, que constava de um frango meio assado, e meio queimado, porque o nosso bom do Martim, com a pressa com que accudiu aos gritos da vizinha, esqueceu-se de retirar o frango de sobre as brazas.

A velha o tomou com tremula mão

e principiou a comer ou antes a devorar o frango.

Martim do Valle assistiu a esta operação meio contente de soccorrer a vizinha, e meio descontente de ficar sem cêa.

Um pouco aborrido, dizia entre dentes:

— O bocado não é para quem se faz e nem para quem o faz!

A velha macerava entre os dentes o ultimo pedaço de frango, quando deu um rugido espantoso, e revolveu-se na cama, como se tivesse nas contorsões da morte. O nosso bom Martim suppoz que querendo a velha ingulir algum pedaço de osso, este se lhe atravessou na garganta, por isso lhe deu tres pancadas nas costas, para fazer saltar o osso; mas vendo, que os movimentos do corpo foram substituidos por um intorpecimento gracial, quiz como bom catholico, que a sua vizinha não morresse sem absolvição, e correu, ou antes voou em demanda do vigario da freguezia.

Nesse tempo era pastor das ovelhas do rebanho de S. Roque, o reverendo Manoel José Gomes Teixeira, bom philosopho, dotado de um coração eminentemente philantropo e assaz austero no comprimento de seus deveres parochiaes.

Com taes qualidades é excusado dizer ao leitor, que o nosso vigario tomou o seu bastão encebado, encaixou na cabeça o chapéu velho de Braga, e correu pressuroso ao logar, onde requeriam o seu santo ministerio.

Entrando n'essa pobre cabana e vendo a enferma semi-morta, começou o padre a rezar a sua oração.

Apenas tinha elle proferido as primeiras palavras, a velha voltando do seu espasmo, disse repentinamente:

— Suspendei !

O vigario ficou assombrado.

A feiticeira continuou :

— Que sois vós e que vindes aqui fazer ?

— Está em delirio, observou Martin do Valle.

Sou o vosso vigario, o mensageiro das palavras de Deus, que me acho em toda parte, para ministrar os soccorros espirituaes á aquelles que, como vós, estão prestes a atravessar os umbraes da eternidade.

— Retirae-vos, atalhou a enferma, com azedume; retirae-vos, que não é mister os vossos soccorros !

-- Filha minha ! tornou o padre, as bençãos do céo não podem prejudicar a quem vai transpor o limiar da vida sem limites !

— Pois bem ! para livrar-me de vossa graciosa solicitude; para poupar-me ao desgosto de ouvir vossas palavras sagradas em que não accredito, aproximae-vos, ouvi-me e vereis que não tendes o poder de absolver-me.

O vigario, que guardava escrupulosamente o sigillo da confissão, acenou a Martim do Valle, para que se retirasse, e aproximou-se do leito.

A feiticeira foi fazendo a rezenha de sua vida extraordinaria, sortilegios, crimes espantosos, e de seu pacto com

o demonio; o padre, a proporção que ia ouvindo empallidecia gradualmente, até que horrorisado se persignou erguendo-se violentamente com os olhos estupefactos, e exclamando convulso:

— Oh! maldicta de Deus !!!

A feiticeira respondeu a essa exclamação com uma gargalhada retubante.

O padre precipitou-se fóra daquelle covil hendiondo, deixando bastão e chapéo.

Dizem que seu assombro foi tão grande, que durou alguns dias.

## CAPITULO X

Pouco depois da retirada do vigario e de Martim do Valle, um vulto, rebufado em longo capote, entrou com passo lento na cabana da prophetisa.

— Admiro mais que niguem, disse o vulto, a força de vosso poder magico e presciente, e venho por isso implorar-vos, que me digaes o que é feito da minha amada?

A velha não respondeu.

— Oh ! continuou o vulto, o vosso silencio me revela grande desgraça !

Dignae-vos, por quem scis, dar-me noticia d'ella.

— Ha obstaculos que estorvam de vós approximardes d'ella, respondeu a feiticeira, quebrando o silencio.

— Obstaculos ! redarguiu o vulto, com assomo. Nunca o vosso coração foi abrazado pelas chammas do amor ! pois se tivesses amado, saberias que não ha obstaculos que amor não vença.

Se ella estiver além de um rio caudaloso, bem que fraco nadador, eu afrontarei a sua torrente impetuosa, e o amor me dará força para vingar a margem opposta; se estiver encerrada em uma torre alcantilada e enassessivel, ahi chegarei facilmente, porque o amor me dará suas ligeiras azas; se estiver em masmorra, guardada por cem portas de bronze, e se lá mesmó um pensamento seu me pertencer, arrombarei essas cem portas como se fôsem frageis tabiques; e se já não vive, irei



disputal-a ao dominio da morte. Oh! por piedade dizei-me que é feito d'ella?

— Está louca.

— Que importa? o meu amor a curará. Quero saber onde ella esta.

A velha deu a Astolfo as necessarias indicações para que elle descobrisse a infeliz Anacleta.

O mancebo seguiu immediatamente em sua procura iudo enconral-a já agonisante, junto ao cadaverzinho de seu filho, barbuciendo palavras desorientadas.

— Anacleta, Anacleta! en te perdoo, gritou Astolfo correndo para junto d'ella.

Já a desgraçada não ouvia as ultimas palavras proferidas por Astolfo.

Estava morta!

Astolfo ao ver sua amada morta braudou sacando um punhal:

— Que vale para mim o mundo sem poder contemplar o semblante animado d'aquella que foi a vida de minha vida, a alegria da minha alma! com ella

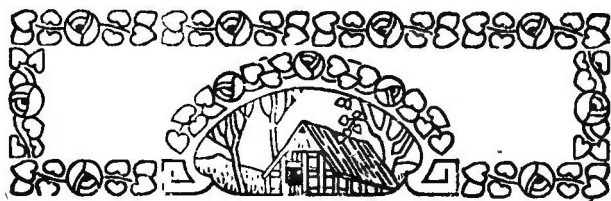
tambem morrerei; dizendo isto, cravou no peito, certo punhal.

Seu corpo é sangüentado e exanime, tombou junto aos cadaveres da infeliz Anaqueta e filho.

A obra satânica da feiticeira estava consumada.

Faltava a justiça divina!





## EPILOGO

Sessenta dias apoz esta scena, que vinos de esboçar, a feiticeira estava curada da fractura do joelho, mas tinha as pernas destendidas, duras e inflexiveis, de modo que não podia por-se de pé; a lingua tinha tomado, tal volume, que parte d'ella se conservava fóra da bocca, cahiram-lhe todos os dentes e cabellos; os braços ficaram mirrados, e os dedos retorcidos uns sobre os outros: seu corpo era um esqueleto no fundo de um sepulchro; e alem de tudo isto, dores horriveis a assaltavam todos os instantes, e a miseria e a fome com seus dedos de ferro ajudavam a comprimir esse corpo amaldiçoado.

Abandonada de todos, a infeliz velha foi transportada para o bairro do Campo-Verde, distante tres leguas da Villa (1) de São Roque.

Vinte oito annos são decorridos e durante tão longo periodo, essa desgraçada, abandonada quasi da Providencia, solitaria n'uma miserrima cabana, tem sorvido de minuto a minuto o fel de uma vida mais dolorosa do que a morte, pois se conserva ainda hoje no mesmissimo estado, que acima descrevemos.

Deus se amercêe de sua alma !

São Roque, 20 de Junho de 1848

❖ ❖ ❖ FIM ❖ ❖ ❖

---

(1) A Cidade de S. Roque, fundada por Pedro Vaz de Barros, até o anno de 1650 era bairro do Carambehy; de 1650 a 1768 Capella de São Roque; 1769 foi elevado a freguezia; 1832 a villa; em 1833 teve a primeira sessão de Camara; em 1864 foi elevado a categoria de Cidade e séde de comarca, tendo sob a sua jurisdicção até 1889 os municipios de Cotia, Una e Araçariguama.



O CANTICO DE ANCHIETA



# Ô CANTICO DE ANCHIETA

## I

Do mar agitado, as vagas irosas  
Em fragil esquife ousado sulquei,  
E aqui nestes hermos em terras extranhas,  
Sertões e montanhas, as sós perlustrei.

Por invias veredas de espinhos juncadas,  
Nas mãos o Evangelho sosinho trilhei;  
E aos povos selvagens que erravam nas mattas,  
Ao som das cascatas de Deus eu fallei.

Nos seixos, nas urzes, as plantas rásgando,  
Dos rios gigantes as ondas domei;  
No serro e no valle a onça cruenta,  
De sangue cedenta, sem medo affrontei.

Nos bosques umbrosos de altivas palmeiras  
Mil tribus guerreiras adoram TUPÁ;  
E em festas horriveis dão treda homenagem  
De um culto selvagem ao féro ANHANGÁ;

Além, sob os leques de esbeltos coqueiros  
Vencidos guerreiros seus hymnos espalham,  
E' quando expirantes, os velhos atrozes,  
Sanhudos, ferozes, seus membros retalham!

Ao som das MAROCAS, de entorno as fogueiras  
Amantes faceiras, alegres folgavam,  
Emquanto nas brazas as velhas cruentas  
As carnes sangretas, assando cantavam!

As carnes chiavam em vivos brazeiros,  
E os monstros guerreiros, cantando, sorriam;  
Depois nos agudos, alvissimos dentes,  
Trincando-as contentes, famintos comiam!

De sangue manchados os labios flammantes,  
Das ternas amantes as faces beijavam;  
E em beijos de fogo nos labios frementes  
De sangue irada quentes impressos deixavam!

Da guerra affrontando a morte, os perigos,  
Nos craneos inimigos quaes taças bebiam;  
E, os nomes dos mortos com gosto lembrando,  
Seus feitos louvando, sorrindo diziam!

## II

Entre os filhos das selvas e a nossa gente  
A guerra ardente pertinaz fervia,  
Eu e Nobrega tentamos por-lhê termo,  
Rompendo o ermo que entre nós se abria.\*



Lá fiquei de refem entre os selvagens.  
Nessas paragens que deixei gemendo...  
Que noites que velei ! que luta ingente  
Minh'alma ardente fez vergar tremendo !

Findo o repasto, lá percorre o vinho,  
De nós de pinho brilham cem fogueiras;  
A voz da solidão perpassa os mares,  
Brincam nos ares virações fagueiras.

Por entre sombras, sombras fluctuantes,  
Vagas errantes, quaes espectros voam;  
Eis surge a lua, la começa a festa,  
E na floresta brados mif, resoam !

Que festas ! que brincos ! que gestos que fallam  
Que beijos que estalam ! que loucos ardores !  
E os corpos unidos . . . unidos os braços  
Em ternos abraços, que scena de amores ! . . .

O chefe da tribu, a filha donzella  
Me traz, (como é bella) e diz-me ABARE',  
Potyra, das virgens rainha formosa,  
Mais bella que a rosa, mais casta aqui é !

Mancebos valentes na caça e na guerra,  
Prostrados por terra. Ihe juram sua fé;  
Mas eil-a ainda virgem; e tu, sem receio,  
Fecunda-lhe o seio; é tua, ABARÉ !

## III

Ouvindo taes fallas,  
Meus olhos fechei:  
Depois na morena  
Ardente os fitei.

## IV

Airosa como a palmeira  
Meiga virgem brasileira,  
Eil-a, defronte, de pé . . .  
Oh! Potyra, como és bella,  
Como és candida e singella  
Antes os olhos de ABARÉ !

Nem nas serras de alem mares,  
Nem nesses verdes palmares,  
Nunca igual belleza eu vi !  
Da solidão era a fada  
De mil encantos ornada,  
Que em deliquios entrevi . .

Com seus cabellos divinos,  
Com seus labios coralinos,  
Com seu delicado pé,  
Com sua estreita cintura  
Era um primor de esculptura,  
Qual jamais viu ABARÉ !

Seios nús e palpitantes,  
Olhos negros flamejantes,  
Quem os viu como o ABARÉ?  
Alem, tripudios de festa,  
Aqui o anjo da floresta  
Triste, meigo, está de pé !

## V

Que vertigem deslumbrante,  
Que nuvens alem passaram,  
Quando os olhos de Potyra  
Nos meus olhos se cravaram .

Que chispa ! que céu ! que inferno !  
Morena, em teus olhos vi !  
Por elles o Deus de Anchieta,  
A terra, o céu esqueci !.

Molla de aço me impellira,  
Mãos convulsas estendi .  
Mas, ao contacto da virgem,  
Prostrado em terra cahi !

Cahi, meu Deus, mas ergui-me;  
Só minha alma é que peccára . . .  
O corpo não, que outra virgem  
Pura e santa me amparára.

## V

Por invias veredas de espinhos juncadas,  
Nas mãos o Evangelho, sosinho trilhei  
E aos povos incultos, que erravam nas mattas.  
Ao som das cascatas de Deus eu fallei !

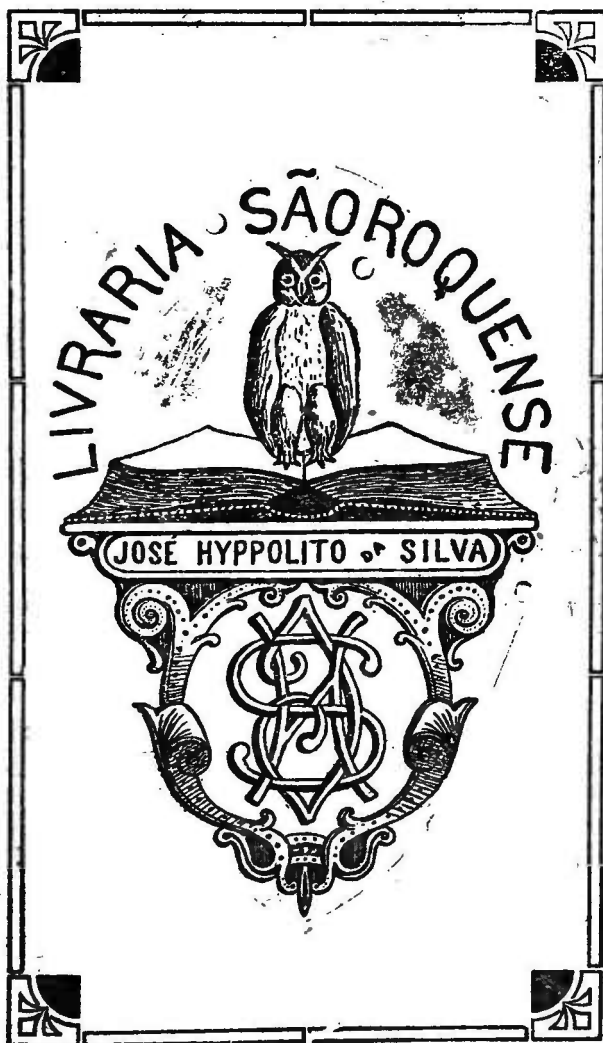
## VII

Bemdigo-te meus Deus, que me troxestes  
A' terra cujo céu é puro anil,  
Para plantar a cruz de teu calvario  
Entre as Tabas selvagens do Brasil !

1847

Barão de Piratininga.





LIVRARIA SÃOROQUENSE

JOSÉ HYPOLITO de SILVA



## **Todos estão convencidos de que**

O papel da elite, das damas elegantes e dos cavalheiros «smarts». O papel usado nas correspondências íntimas, familiares, é incontestavelmente o papel

## **“LEMBRANÇA DE S. ROQUE”**

acondicionado em elegante caixinha, com os retratos da nossa igreja Matriz e de S. Roque Preço de reclame. Caixa com os enveloppes, 1 \$600, 20 0/0 menos que o preço primitivo.

Fabricado especialmente para a

**Livraria Sãoroquense**



**Livraria Sãoroquense**

**TYPOGRAPHIA E PAPELARIA**

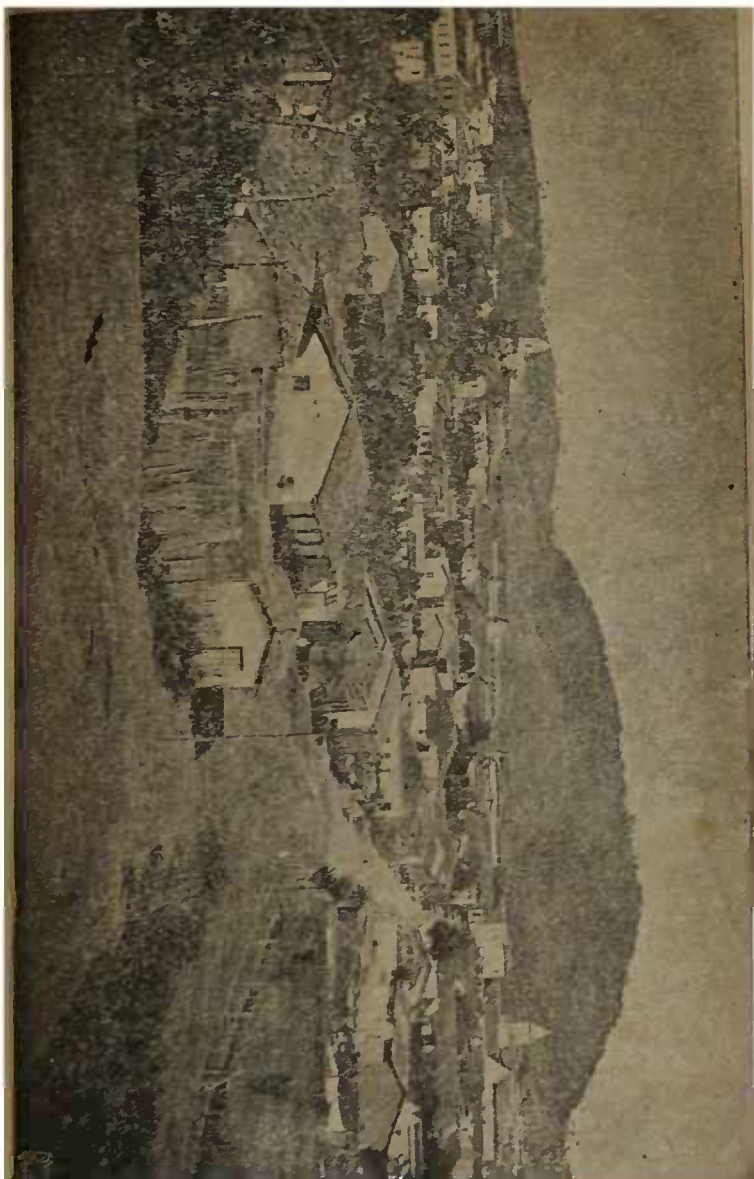
**Rua 15 de Novembro n. 11** Casa fundada em 1902 **S. ROQUE**

**Esta Casa é a unica no genero, a mais barateira e a mais bem sortida  
em toda zona Sorocabana.**

Chamamos a attenção dos nossos numerosos leitores, que esta casa caprichosamente montada, possui o mais completo sortimento de livros sobre qualquer conhecimento. Peçam o nosso catalogo.

Estando como sempre, com uma bem montada typographia, executamos por modicos preços qualquer encomenda de impressos.



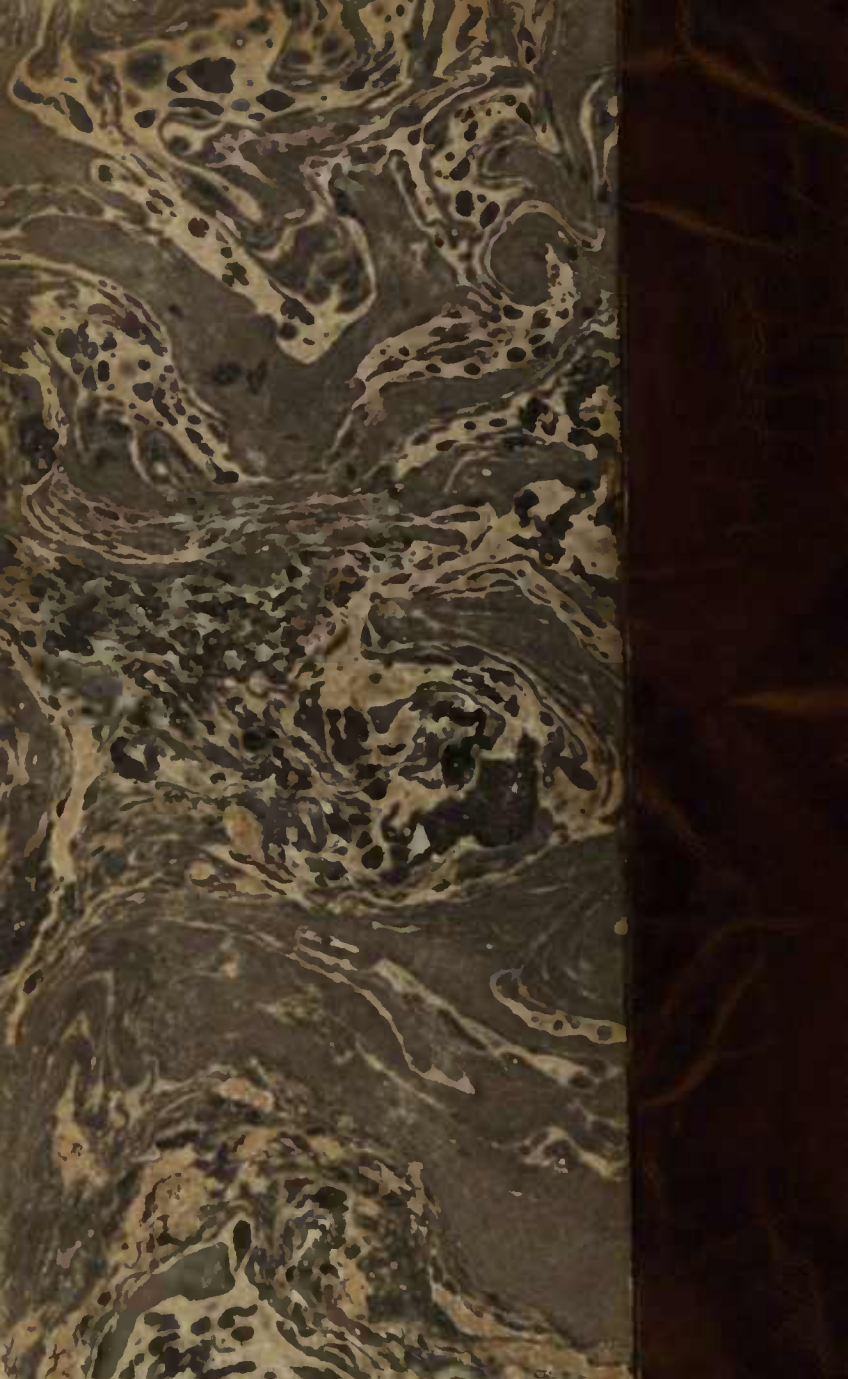












## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).